

## Residências

### «Mudar de espaço é fundamental»

João Simões

**• Ao deslocar-se a Nova Iorque, onde julgo que estudou, o que tinha em vista? Atingiu esse(s) objectivo(s)? O que resultou em concreto da sua residência?**

• Antes de mudar pela primeira vez para Nova Iorque (NI) (2004/05, residência no ISCP, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento e 2007/08 nos estúdios PointB, como Bolsheiro do Instituto Camões e neste momento com o apoio da Fundação Ilídio Pinho e Direcção-Geral das Artes) já tinha vivido em Milão (Faculdade de Arquitectura), Paris (Estágio), Madrid e Barcelona (Tese de Mestrado em Arte e Arquitectura), ou seja, já tinha passado quase 10 anos fora de Lisboa, sempre com o mesmo objectivo – trabalhar. Mudar para Nova Iorque foi um passo natural.

O que resultou das minhas residências em Nova Iorque?

Expus o meu trabalho (DCA Gallery, NI; White Box, NI, White Flags, Saint Louis, San Francisco, etc.), dei conferências sobre o meu trabalho (Columbia University NI, Cornell University NI, White Box, NI); fui professor convidado (Faculdade de Arquitectura, Milão, e ENS Paysage, Versalhes); desenvolvo um projecto de edições/bibliotecta com a participação e colaboração de vários artistas, para o novo espaço da White Box, na Bowery, em Nova Iorque; programo e estruturo TEST – um novo centro de arte contemporânea em Lisboa, Alcântara (convidei 13 artistas e comissários nacionais e internacionais para desenvolver projectos, envolvendo dezenas de outros artistas e comissários: uma enorme estrutura fractal); e preparo exposições do meu trabalho na Emily Harvey Foundation, NI e no WPS, em Miami. Isto são apenas alguns resultados lineares – imagino que muito tenha sido influenciado por estar em Nova Iorque, Milão, Paris, Barcelona, Lisboa, etc.

**• A mudança de espaço é importante por si, pelo espaço que é, pelo diferente ambiente, ou pelas pessoas que se contacta/encontra (outros artistas plásticos, curadores, críticos de arte, outros públicos)?**

• Estar num espaço que não nos pertence oferece resistência. É nessa resistência que o trabalho se revela. Mudar de espaço é fundamental. As residências artísticas são perfeitas para ter essa experiencia: a de estar, durante algum tempo, noutra sítio.

**• Como chegou à escolha do PointB? E como foi aceite, atendendo a que no sítio da organização se fala num sistema de referência para se ser admitido?**

• Depois da residência no ISCP – International Studio and Curatorial Program, em Manhattan, ouvi sobre os estúdios PointB, em Williamsburg, Brooklyn (pela artista Ana Cardoso). Os dois programas são aparentemente distintos: o ISCP (que mudou para Brooklyn) tem um programa de visitas de comissários e galeristas ao atelier e o PointB não tem um programa definido: é um espaço de trabalho para quando se tem

exposições marcadas e projectos a desenvolver e apresentar em NI - é o momento posterior ao ISCP, acho - mas ambas são idênticos na sua estrutura ADN; criam a possibilidade de trabalhar, investigar e desenvolver novo trabalho e revelam novas redes sociais.

**● O PointB parece ser uma instituição vocacionada para as residências artísticas. No entanto, é um mero “hotel” para artistas plásticos, com condições para trabalhar, ou disponibiliza outro tipo de apoios/contactos. Se sim, quais?**

● Os estúdios PointB são estúdios/casa em Williamsburg, Brooklyn (8 espaços abertos, industriais, com cerca de 60/100 m2) para artistas internacionais com projectos a apresentar em Nova Iorque. Existe um processo de selecção (no meu caso por Arfus Greenwood, ex-director do antigo programa de residências no P.S.1/MoMA, NI) e naturalmente existe uma rede de contactos. Tudo depende do artista e do seu trabalho.

**● As residências artísticas fazem sentido num mundo globalizado, em que o acesso à informação e às pessoas se encontra extremamente facilitada por outros meios que não a presença física?**

● A tecnologia não anula o espaço; cria outros espaços, outros comportamentos, mas não anula. O acesso à informação! Que informação? A qual velocidade? Como procurar? Onde? A experiência *online* e *offline* complementam-se, não são concorrentes nem se anulam. Responder a um e-mail usando o iPhone, ou Blackberry, enquanto se bebe um copo de vinho tinto, num Airbus a 1000 km/hora e a 10.000 metros de altitude no meio do oceano (por cima dos Açores) é uma experiência altamente tecnológica.

**● Para além desta residência em Nova Iorque, já teve outras experiências de residência artística? Se sim, onde? Que diferenças para o PointB/Nova Iorque.**

● Sim, algumas por convite (Institute pour la Ville en Mouvement, em Paris, Palermo, Bruxelas, Roma e Copenhaga) e outras por concurso (ISCP, NI e Mantova). Todas essenciais.

Nova Iorque, 21 de Maio de 2008